

Questão 6

6. Leia o texto a seguir para responder às questões.

Palavras são entes vivos: nascem e morrem, com toda uma história que pode ser curta ou longa – às vezes tão longa que simula a eternidade, enganando muita gente – de entremeio. O legal das gírias é que elas nos permitem acompanhar esse ciclo em miniatura como se estivéssemos num laboratório: vão do nascimento à morte, como qualquer palavra, mas com raras exceções (como bacana) percorrem rapidamente a distância entre os dois pontos. O caráter efêmero está na sua natureza. A brevidade da vida é o preço que pagam pela intensidade com que se jogam, cheias de ímpeto juvenil, em todos os excessos da missão de comunicar, misturando sentido e atitude. São como certos artistas malditos: brilham demais e se consomem depressa. Durar além da conta seria visto, no caso delas e deles, como um ato de mau gosto. Quanto tempo levará o atualíssimo verbo tankar, por exemplo, para virar peça de museu? Um dos efeitos de tanta efemeridade é que as gírias se esmeram em denunciar a idade de quem as usa. Um dia dei uma mancada: estranhei quando me disseram que a palavra mancada era arcaica. Reagi ao que me parecia uma afirmação francamente absurda, fiz enquetes e acabei concluindo que, sim, o prazo de validade de mancada tinha vencido fazia tempo. Não tanto tempo, porém, que me permitisse retomá-la em chave irônica, como supimpa. Que mancada! Etarismo à parte, recomenda-se cuidado com essas coisas numa sociedade de adesão automática ao novo, em que envelhecer além de certa idade é encarado como uma espécie de gafe.

(Adaptado de RODRIGUES, S. O discreto charme da gíria antiga. *Folha de S. Paulo*, 23 jul. 2024.)

- a) Indique dois exemplos de gírias mencionadas no texto: uma que funcione como marcador social de idade e outra que funcione como pertencimento a um grupo. Justifique a sua resposta em cada caso.
- b) Descreva a analogia entre o ciclo de vida humana e o das gírias. No enunciado, “envelhecer além de certa idade é encarado como uma espécie de gafe”, há uma crítica ao etarismo. Explique como essa crítica se aplica ao uso das gírias.

RESOLUÇÃO

a) A matéria da “Folha de São Paulo” apresenta diversas gírias que funcionam como marcadores sociais de idade, a exemplo de “supimpa”, vocábulo que, décadas atrás, identificava a juventude urbana brasileira. Hoje, evidentemente, o emprego do animado adjetivo colocaria o locutor no grupo de idosos, fato que muitos – por simples etarismo – gostariam de evitar.

Já “o atualíssimo verbo tankar” é uma gíria que caracteriza a juventude brasileira urbana contemporânea. Sua origem é ligada à comunidade gamer, que reúne os fãs de jogos eletrônicos online; seu sentido, por sua vez, é “resistir” ou “suportar” determinada situação adversa.

b) A analogia apresentada na coluna de Sérgio Rodrigues compara o ciclo de vida humana ao ciclo de vida das gírias ao indicar que as palavras, assim como os seres humanos, são vivas: nascem e morrem. Alguns vivem longas vidas e outros percorrem essa distância de forma fugaz, o que também ocorre com grande parte das gírias: há as exceções que atravessam o tempo e são usadas por diferentes gerações, como bacana, mas usualmente as gírias apresentam um caráter efêmero e se restringem a um período ou até mesmo a um grupo específico. Ao mencionar que “envelhecer além de certa idade é encarado como uma espécie de gafe”, o colunista estabelece uma relação com as gírias que, de forma situada, têm seu uso restrito a um espaço de tempo específico e, por isso, ao serem retomadas em outros momentos, revelam, segundo a perspectiva dos mais jovens, a inadequação de quem as usa: geralmente pessoas mais velhas. Essa perspectiva é representativa do etarismo na sociedade — o preconceito, a intolerância ou a discriminação contra pessoas com base na idade. O etarismo, também conhecido como ageísmo, relaciona as pessoas mais velhas à inadequação social, neste caso revelada pelo uso de gírias que já ultrapassaram seu “prazo de validade”, ou seja, “envelheceram além de certa idade”.